

1. Introdução

Esta tese tem como ponto de partida dois interesses particulares: por um lado, nossa predileção pela prosa de ficção brasileira das últimas décadas do século XX; por outro, a convicção de que é possível estabelecer algum vínculo entre a ficção e o mundo, não no sentido de propor a defesa de uma literatura realista ou engajada, mas no de ler algo da realidade em que vivemos – ainda que com infindáveis ressalvas – nas páginas da literatura, no sentido de encontrar nas palavras não respostas, mas questionamentos, provocações sobre problemas que nos afetam a existência.

Tendo em vista essa dupla predileção, debruçamo-nos sobre a leitura da recente prosa de ficção e sua abordagem crítica, ao mesmo tempo atentando para questões teóricas que emergem não apenas no campo da literatura, mas também das ciências humanas em geral.

Inevitável, pois, nessa perspectiva, deparar com a problematização sobre a temática da identidade, da alteridade, dos confrontos que se estabelecem entre o *eu* e o *outro* como uma das mais relevantes questões do século XX, que (re)desenhou o mapa-múndi como um imenso espaço de fronteiras semoventes em que indivíduos e grupos caminham, encontram-se, desencontram-se, enfrentam-se, digladiam, sempre em busca da definição de seus próprios contornos como sujeitos.

Se não temos hoje um conflito de dimensões mundiais, temos aos milhares as pequenas guerras que se desenvolvem na África, no Oriente, ou entre índios e fazendeiros em muitas regiões do Brasil; se não há mais uma

guerra fria entre duas potências definidas, há aquela que faz milhares de vítimas no embate identitário entre Ocidente e Oriente; se há uma pretensa globalização, ou mundialização, que nos quer pasteurizar a todos, tornar-nos “iguais”, há indivíduos e grupos que combatem diariamente – com armas, crenças, ações ou palavras – pelo desejo da diferença, e não da igualdade.

Evidentemente, a abordagem da temática identitária pela literatura não é questão nova, nem surgiu no século XX; ao contrário, para tomarmos apenas o contexto do Brasil, já se registra desde a primeira narrativa sobre o país, a **Carta** de Pero Vaz de Caminha. Ganha nova força no Romantismo, adquirindo mesmo o status de um projeto de nação a ser perseguido, estabelecendo-se como marca do surgimento de uma literatura efetivamente nacional, conforme assinalado pelo conceito de “formação” da literatura brasileira proposto por Antonio Candido. E volta a ser extremamente discutida no Modernismo, a partir da releitura crítica daquela visão romântica.

A partir da “maioridade” de nossa literatura, pois, estabeleceram-se basicamente dois parâmetros metonímicos para a abordagem da identidade/nacionalidade: Iracema e Macunaíma. Se a personagem de Alencar, tomada como representação do Brasil e da América, revela o discurso romântico ainda incipiente e até mesmo idílico do encontro entre o Velho e o Novo Mundo, a de Mário de Andrade acrescenta-lhe outras tantas faces, caracteres, trazendo à cena o hibridismo como protocolo de leitura para nossa identidade.

A noção de *hibridismo* será extremamente presente ao longo do século XX, não apenas no campo dos estudos literários mas também em

diversos ramos das demais ciências. Tal interesse deve-se aos mecanismos concretos – como o desenvolvimento de meios de transporte e da tecnologia da informação – que facilitam a circulação de indivíduos, objetos e informações, intensificando o contato e o conflito entre interesses e culturas. As inúmeras propostas de compreensão e análise dos fenômenos proporcionados por tais encontros e desencontros valem-se dos mais diversos conceitos relacionados ao *hibridismo: globalização, mundialização, culturas híbridas, identidades complexas, poéticas da diversidade*, entre outros.

O que nos propomos discutir é o formato que tal polemização toma na contemporaneidade, e nesse aspecto julgamos poder encontrar, na prosa de ficção da virada do milênio, uma possibilidade produtiva de análise, em cuja cena ficcional o jogo de construção de identidades apresenta-se como algo marcante tanto no nível discursivo/estético quanto no nível temático/ético. A proliferação de instâncias narrativas, a problematização da voz autoral, o questionamento da verdade narrada, a presença reiterada de personagens investigadores, cientistas, antropólogos, o contato e o conflito entre identidades disciplinares, campos do saber diversos, tudo isso nos parece ser o índice de uma discussão bastante fértil que a literatura propõe na virada do milênio.

Para abordar esse tema, é preciso tecer algumas observações sobre o corpus de análise de textos ficcionais. Considerando sobretudo a década de 1990, verifica-se não só a continuidade do percurso de autores já “estabelecidos” em nossa literatura mas também um grande número de “estrepantes” que chegam com grande força às nossas páginas. A par dessa

vasta produção com que deparamos, a crítica – cujo autor muitas vezes também frequenta a escrita como ficcionista – tem produzido vasto material na esteira da tentativa de compreensão dessa produção ficcional.

Tal cenário exige, pois, pelo menos dois cuidados iniciais para abordagem, cujos contornos é preciso delimitar desde já. Por um lado, temos a proximidade temporal do nosso objeto de análise; por outro, a multiplicidade desse objeto e dos recortes críticos que o envolvem.

Quanto ao primeiro aspecto, os riscos impostos pelo tempo são vários. As obras ficcionais de que dispomos são da ordem do gerúndio, pois escrevem-se por autores em pleno vigor de sua produção, não apresentando ainda a noção de um todo acabado, o que implica a inexorável probabilidade do envelhecimento das análises que delas propusermos. Da crítica pode-se dizer o mesmo, pois que esta se constrói a cada dia nas academias, congressos, nos artigos e livros publicados, enfim, nos debates teóricos gestados no mesmo ventre que nos fornece a ficção.

Estaríamos, portanto, diante de um problema epistemológico grave dependendo da perspectiva científica adotada em alguns campos da ciência: a falta de distanciamento crítico entre o sujeito e o objeto da análise, o que poderia trazer “contaminações” demasiado subjetivas à nossa visão crítica. Entretanto, o que poderia representar uma falha metodológica em circunstâncias específicas, apresenta-se em nossa perspectiva mais como desafio, e até mesmo como escolha de uma perspectiva, já que as próprias reflexões no cenário da epistemologia, nas últimas décadas, com as instigantes discussões sobre a emergência do sujeito, vêm apontando para caminhos que abalam a separação rígida entre sujeito e objeto do

conhecimento. Como solo dessas novas perspectivas, encontram-se as relativizações sobre as próprias instâncias de *sujeito* e *objeto*, tidos não mais como elementos prontos, completos, definíveis em totalidade, mas como construções, tangíveis apenas no processo dialógico, na perspectiva de algo *em relação a*.

Nesse contexto, nossa opção por tal perspectiva epistemológica vai ao encontro da própria temática desenvolvida no trabalho: pretendemos explorar a construção de identidades como fenômeno que se instaura no *dialogismo*, no entrecruzar de vozes, sobretudo ao considerarmos que, no plano literário, essa construção ocorre no plano da leitura e da escrita. Procuraremos demonstrar que as instâncias do *eu* e do *outro* não são mensuráveis como um conjunto de caracteres intrínsecos a um determinado indivíduo, os quais poderiam ser captados para traçar um perfil bem delineado. Ao contrário, *eu* e *outro* misturam-se, hibridizam-se e complexificam-se na trama dos discursos em que são construídos, à medida que se lêem e escrevem reciprocamente.

Quanto ao segundo aspecto, qual seja a profusão de material crítico sobre nossa recente prosa de ficção, julgamos também ser inerente à forma complexa pela qual a questão identitária vem sendo apresentada ao longo do século XX. Nesse sentido, vale lembrar que o grande trabalho concebido com a perspectiva de “explicar” nossa identidade na literatura, a **Formação da literatura brasileira**, de Antonio Candido, apresenta como ponto de chegada de seu percurso analítico o Romantismo. Se hoje nos ressentimos da ausência de uma nova obra, à altura da lucidez de Candido, que pudesse mapear a continuidade daquela análise ao longo do século XX, cremos que

tal fato deve-se mais a características inerentes à própria multiplicidade do fenômeno literário do que à ausência de críticos ou de disposição para empreender a jornada.

De um lado, perdemos a ilusão da perspectiva teleológica – talvez a maior peça pregada pelo século XX nas “certezas” do XIX – portadora do alento de que caminhávamos para algum lugar, que haveria um ponto de chegada e, para as concepções mais platônicas, haveria até mesmo o *bem* a nos aguardar no final do percurso. De outro, não havendo mais *o* caminho, mas apenas veredas, ganhamos a possibilidade do plural, do múltiplo, do *inter*, da convivência até mesmo de abordagens paradoxais. A *doxa* cede lugar à *para doxa*, ao que está em torno, ao lado de, ao constante somar de abordagens, sem se pretender esgotar a possibilidade analítica dos fenômenos.

Sendo assim, ao invés de selecionar um único recorte crítico em detrimento dos demais que se lhe acrescentam, optamos por tomar dessa recente produção teórica argumentos e autores diversos, adotando como limite não a filiação a esta ou aquela corrente de pensamento, mas considerando a existência da preocupação em discutir a questão da identidade, desde que abordada em perspectiva não monológica.

O que apresentaremos, portanto, como proposta de abordagem teórica para a leitura do processo de construção identitária, é o que denominamos *vozes etnográficas*, ou seja, procuraremos demonstrar como o movimento de ler e escrever a si mesmo e ao outro revela-se como um valor ético e estético relevante para a literatura brasileira contemporânea. Apesar de não se tratar de uma inovação absoluta da prosa de ficção recente,

julgamos ser uma de suas características importantes, à medida que reflete a maturação de todo um processo que se desenvolve há muito e ganha vigor no cenário do século XX.

Pretendemos, ainda, sugerir que a discussão seja entendida não apenas como um percurso retrospectivo sobre o debate identitário, mas que seja lida também como proposta para ser aprofundada neste terceiro milênio. Tomamos como referência para tanto a perspectiva de Ítalo Calvino que, ao formular suas propostas para o próximo milênio, desenvolve a um só tempo um movimento retrospectivo e prospectivo, pois, para definir os valores que considera relevantes ao terceiro milênio, percorre todo um caminho pela literatura do segundo, extraindo dela o repertório de procedimentos considerados mais vigorosos, elencando-os como “propostas” não absolutamente inovadoras, mas como características que devem ser mantidas no porvir da literatura.

Para desenvolver nossa argumentação, apresentaremos, no capítulo 2, uma abordagem de caráter propriamente teórico, com o objetivo de construir o conceito por nós denominado *vozes etnográficas*, e sua possibilidade de rentabilidade na leitura de nossa recente prosa de ficção.

Nos capítulos 3, 4 e 5, proporemos análises de textos ficcionais – contos e romances – a partir dos quais pretendemos demonstrar a presença das *vozes etnográficas* como articuladoras de procedimentos discursivos empregados na construção das categorias de alteridade em nossa ficção.

A inclusão, no capítulo 3, de narrativas de ficção produzidas em momentos anteriores ao nosso recorte temporal – década de 1990 – justifica-se pelo fato de julgarmos que estas prefiguram, de modo bastante claro no

corpo do texto, a apresentação de *vozes etnográficas*. Julgamos, assim, que iniciar nosso percurso com estes textos proporciona ao leitor um mapeamento das questões básicas a serem desenvolvidas posteriormente.

Na conclusão, retomaremos os conceitos principais desenvolvidos ao longo da tese, procurando destacar algumas de suas implicações no processo de produção e recepção de nossa prosa de ficção contemporânea. Entendemos que todo percurso analítico desenvolvido na área de Letras não deve perder de vista este papel de tradutor que se encontra no cerne da formação do professor, do crítico, do resenhista, ou de todo aquele que se ocupa dos estudos que dizem respeito à relação entre texto e leitor. Assim, se nossa tarefa, ao fim e ao cabo, resume-se ao ato de ensinar a ler e a escrever, temos a convicção de que nossa produção teórica não se perde nas estantes das bibliotecas se consegue apresentar alguma contribuição sobre o ato da leitura e da escrita, atos esses a um só tempo tão simples e tão complexos.